

O INDIVÍDUO E A BUSCA DE IDENTIDADE NO ROMANCE *LIGHT IN AUGUST* DE WILLIAM FAULKNER

*Edson Miranda dos Santos**

RESUMO — *Com o presente trabalho pretendemos discorrer sobre alguns aspectos da literatura americana nos anos 1920 e 1930. Abordamos temas relacionados com a sociedade moderna, onde questões envolvendo a perda e busca de identidade, o preconceito racial, e a opressão social são freqüentes. Foram questões destacadas por romancistas daquela época. Será dada uma ênfase maior à obra de William Faulkner através do romance Light in August no qual esses aspectos são amplamente discutidos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Indivíduo. Identidade. Preconceito.*

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna tem sido definida como um grupo de pessoas não conformistas. A geração de escritores americanos no século passado, especialmente a partir da década de 1920 torna esta afirmativa implícita através dos temas colocados em discussão. Por exemplo: liberdade e controle, medo da perda de identidade, medo da rigidez ou inflexibilidade social. Todos esses temas, aliás, são variações do problema do indivíduo versus sociedade.

Tentaremos destacar neste trabalho, basicamente, a questão do preconceito, da perda e busca de identidade do indivíduo na obra de escritores americanos da época, salientando a obra de William Faulkner, em especial, o romance *Light in August*.

* Prof. Titular (DLA/UEFS). E-mail: emiran@uol.com.br
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 3224-8265 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: let@uefs.br

A década de 1920 foi considerada um período de transformações culturais e sociais. Nela viveu uma geração transitória que se dobrava aos prazeres urbanos e que ao mesmo tempo configurava-se como uma geração de caçadores e pescadores ansiosos para sentir o solo ao invés do asfalto sob seus pés. Era uma geração de radicais em literatura, às vezes em política, e conservadores nas suas aspirações. Paradoxalmente os americanos mostravam-se conservadores quando estavam vivendo uma era de expansão material e de grandes experimentos literários. A reação social era expressa através de manifestação política explícita ou inovação intelectual posta em ação. Foi um período em que o estilo de vida americano mudou inteiramente. Uma nação que era orientada para a produção tornou-se, de repente, uma sociedade voltada para o consumo. Houve um intenso movimento da cidade pequena em direção à cidade grande. Enfim, foi um período de tensões entre passado e presente, de estilo intensificado, novos comportamentos, novos gostos, uma busca incessante de identidade pessoal. Consequentemente, novas formas e expressões tornaram-se inevitáveis.

Poder-se-ia dizer que a década de 1920 foi constituída de anos maravilhosos e de grande euforia nos Estados Unidos da América, mas ao mesmo tempo, de anos estranhos aludidos freqüentemente como um tempo de cerceamento conservador moralista.

William Faulkner, que se firmava como grande romancista naquele período, preocupado com as grandes transformações sociais e com os males da sociedade em que vivia, escreveu o romance *Light in August* (1932), um reflexo do impacto sociológico e psicológico daquelas décadas iniciais do século. Alienação, desilusão e nostalgia assim como solidão, frutos também das ocorrências da década anterior e das que se seguiram, fizeram com que Faulkner, e escritores a exemplo de Saul Bellow, Phillip Roth, Ralph Ellison, Bernard Malamud, John Updike, Ernest Hemingway, entre outros, criassem heróis que poderiam encontrar a chave para abrir as portas de uma existência mais autêntica.

A violência e a insensibilidade da cidade representavam um sério perigo na visão daqueles escritores, levando-os,

como conseqüência, a perderem a fé na idéia de que o indivíduo possa jamais realizar-se nos territórios sociais contemporâneos. A discriminação do eu, na verdade, chama a atenção dos escritores modernos pelo fato de o homem ter que lutar para conseguir redenção das pressões sociais e ter que buscar sempre alcançar a auto realização, o que significa livrar-se de velhos costumes e tabus. William Faulkner expõe, de modo incontestável, através de sua obra, alguns pontos de vista em relação ao indivíduo na sociedade atual, a luta deste por uma sobrevivência digna enquanto ser humano.

A OBRA DE FAULKNER

O primeiro trabalho de Faulkner foi o romance *Soldier's Pay*, publicado em 1926 destinado a agradar o gosto popular, mais do que um veículo de expressão artística. Logo em seguida, escreveu *Mosquitoes* (1927) e *Sartoris* (1929). *Sartoris* é uma reprodução da lenda da família de Faulkner, o primeiro ciclo sobre os habitantes do condado de Yoknapatawpha. Não conseguiu um grande público leitor. Com esse romance ele se convenceu de que não devia insistir em escrever apenas para agradar a seus leitores.

Assim, surgiu *The Sound and the Fury*, também escrito em 1929, já a partir dessa convicção. É um trabalho difícil que não faz concessão ao leitor. *The Sound and the Fury* relata o declínio de uma família. Quentin, o personagem central, o mais intelectual dos membros da família, é um estudante em Harvard. Quentin pensa em cometer suicídio à medida que se lembra do incestuoso amor por sua irmã. Daí, ele busca significado na vida, sendo este um tema comum de muitos romances modernos. *The Sound and the Fury* foi um grande sucesso artístico, mas com venda medíocre. O elogio da crítica destaca Faulkner como um jovem autor de muita promessa.

O próximo romance foi *Sanctuary* (1931), escrito para ganhar dinheiro conforme admitiu o próprio Faulkner. Trata-se de uma estória gótica que marcou o início do sucesso do autor. De repente ele começou a vender seus romances, um por um, aqueles que antes tinham sido rejeitados.

A partir daí, escreveu *Light in August*, romance de uma técnica simples, narrado na terceira pessoa, mas com um enredo bastante complexo onde a vítima gira em torno de um rapaz nascido ilegítimo, de nome Joe Christmas. Quando Joe nasceu, foi colocado em um orfanato. Depois foi adotado por um fazendeiro e sua esposa de quem mais tarde rouba algum dinheiro e foge. Comete homicídio, é perseguido e quase linchado, escapa, até que finalmente é morto com um tiro. Os personagens de *Light in August* são seres humanos atormentados, envolvidos em um conflito entre seus instintos e paixões, por um lado, e o presbiterianismo puritano, por outro.

Além de *Light in August*, foram escritos os romances *Pylon* (1935), *Absalom, Absalom* (1936), de grande peso na obra de Faulkner, e outros como *The Unvanquished* (1938), *The Hamlet* (1940), *Go Down Moses* (1942). A produção de 1948 a 1962 é inferior ao período mencionado. *Requiem for a Nun* (1951), *The Fable* (1954), *The Town* (1957), *The Mansion* (1959), e uma obra de pouca expressão, *The Reivers* (1962), seu último livro já que naquele mesmo ano ele morreu.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE *LIGHT IN AUGUST*

Chama-nos a atenção o livro *Light in August*, trabalho visto como um romance western no século vinte. Nele observa-se a apresentação de uma temática subdividida – a perda e a busca de identidade por parte do protagonista da estória. Trata-se de um tema introduzido pela escola romântica e que ganhou momentos de crescente realce em nossa cultura de mudanças rápidas, onde a alienação de massas urbanas, o veloz progresso da tecnologia e outras ameaças colocam-se contra o indivíduo, pela padronização e por vários fatores que têm contribuído para um fenômeno de vaporização e desaparecimento desse indivíduo.

Light in August é uma formulação do problema de desaparecimento de identidade. Joe Christmas é o protagonista. Um homem que simplesmente não sabe quem é, ou o que é. A razão da incerteza não é metafísica, epistemológica ou econômica. Trata-se de uma questão racial. Durante toda a sua

existência Joe suspeita de possuir sangue negro mesmo com a aparência de homem branco. Apesar de não ter aparência de negro, seu avô acha que o amante mexicano da filha tem sangue negro, razão pela qual o mata abandonando a criança na porta de um orfanato. A criança é encontrada pela responsável, que nada sabe sobre seu parentesco e suas origens. Como era véspera de Natal lhe é dado o nome Joe Christmas. Ele cresce sem saber quem é. O avô, movido por uma força secreta, aproxima-se novamente dele, considerado um sinal de seu pecado. As posteriores insinuações do avô fizeram com que Joe, aos cinco anos, já tivesse um complexo do qual nunca pôde livrar-se.

As suspeitas de Joe nunca se confirmaram, apesar de tudo. Faulkner deixou claro que não havia certeza de nada. Joe tinha a aparência de homem branco e, na prática, realmente ele era. Sua doença era na mente, uma espécie de honestidade intelectual. Ele não tinha base biológica. Se tivesse escolhido esquecer suas origens suspeitas podia ter se estabelecido no lugar onde seus pais adotivos moravam. Mas não conseguia esquecer as humilhações de sua infância. Joe era sua própria vítima, seu próprio executor. Como ocorre com a maioria dos personagens trágicos de Faulkner, ele era um escravo do passado. Nele havia uma exploração psicológica da memória, um atributo humano que pode produzir seu próprio sofrimento, terror, e tragédia.

A busca de Joe Christmas era pela auto-realização através da auto-identidade, o que é bastante comum com indivíduos na sociedade, especialmente nas grandes cidades. Esta é uma grande questão levantada por Faulkner.

Ao analisar-se, contudo, a estrutura do romance *Light in August*, verifica-se que o autor inicia a estória dando ênfase a outro tema, considerado central, ou seja, o conflito entre as civilizações rural e urbana. Ele demonstra invariavelmente uma preferência pelo rural desde que o progresso tecnológico parece obliterar a integração de comunidades primitivas com a natureza. Isso pode ser detectado através de outro personagem do romance, Lena Grove, que é parte importante no enredo, chegando do interior para a cidade. Engravidada, torna-se deso-

cupada. São fatos que podem ser atribuídos ao que a cidade representa. Lena, apesar disso, é símbolo de inocência e naturalidade animal e empreende uma busca determinada e desenfreada por Lucas Burch, empregado de uma serraria e responsável por sua gravidez. O autor sugere, ainda, que as qualidades primitivas de Lena a tornam universalmente atraente. E o fato simples de ser atraente lhe dá a segurança de que encontrará o homem que a seduziu. Na sua mente o direito a esse homem é inalienável.

Faulkner sabiamente apresenta ao leitor temas e personagens de antemão, fornecendo dados que serão bastante significativos nos capítulos seguintes. Quando Lena está chegando à cidade de Jefferson, vê-se uma coluna amarela de fumaça vinda da casa de Joanna Burden que vai ser também personagem de destaque no romance. Essa técnica é empregada normalmente como característica do autor e não meramente para suspense. Ele a usa em alto nível deixando implícito um significado último mais profundo.

Ainda sobre Lena Grove no romance, percebe-se nela uma sensação de isolamento, mas um isolamento acompanhado de dignidade natural e esperança fértil. Faulkner mostra-se bem cuidadoso ao criar um cenário imediatamente e prefaciá-la à ação central com informação suficiente para aguçar o apetite e emprestar uma grandeza de tom no romance. Há uma outra técnica usada pelo autor para criar um efeito dramático, ou seja, o uso de *flash back*. Antes da chegada de Lena a Jefferson, tem-se todo um cenário preparado que passa ao leitor um discernimento oblíquo e penetrante de três dos mais importantes personagens, entre eles, Joe Christmas.

A propósito de Joe Christmas, observa-se que ele tem as iniciais de Jesus Cristo, o que é intrigante, da mesma forma que a maneira de vestir-se e as atitudes ao chegar em Jefferson. De imediato verifica-se uma antítese com Lena. Christmas é um suspeito de não ser branco, ostentando uma atitude desdenhosa, parece não ter identidade, não ter raízes, vivendo em dois mundos. Aliás, isso é logo percebido pelo tipo de trabalho que lhe é oferecido, usualmente reservado a negros, em contraste com sua roupa e seus modos característicos de cidade. Esta-

belece-se então um simbolismo contrário àquele evocado por Lena Grove. Enfim, ele representa a sociedade urbana, mas é, aparentemente, uma vítima da civilização ao invés de alguém que dela tira proveito. Lena, ao contrário, representa alguém do interior que busca na cidade uma forma de realização. São duas histórias, portanto, a de Lena e a de Joe, que se desenvolvem no romance sem que haja um encontro entre os dois. É como Jefferson fosse uma cidade diferente em cada caso. Uma escura, outra clara. Uma, um mundo assombroso, hostil. A outra, um mundo fantástico, gratificante.

Outros personagens são ainda apresentados, destacando-se Joanna Burden, já referida, Joe Brown e o reverendo Gail Hightown. Este último é um ex-ministro presbiteriano que também é marcado pela revolta resultante de um passado turbulento. Uma consequência desse passado é a perda de amigos, restando-lhe apenas Byron Bunch. Com Hightown, vem à tona o tema da solidão. Ele é o retrato do homem solitário esperando pelo crepúsculo para apagar as realidades da vida. Tem-se o sentimento de que, em tal crepúsculo, as glórias do passado são revividas como uma espécie de mundo de fantasias e sonhos.

A QUESTÃO RACIAL

Em *Light in August*, parece-nos prevalecer a questão do preconceito que é apresentada sem nenhuma sutileza e que ganha maior visibilidade com o fato central, em que Christmas tem a aparência de homem branco, mas é rejeitado e atormentado por ter sangue negro. Isso cria uma situação difícil em que Brown, seu melhor amigo, o trai, revelando que ele, Christmas, é o assassino de Joanna Burden.

O assassinato ocorreu como resultado de um romance entre Joe e Joanna. Supõe-se que o amor entre ambos é baseado na convicção moral dela de que os negros devem ser ajudados. Secretamente, porém, ela os tem como inferiores. Assim sendo, quer reduzir Joe a um estado de submissão. O tormento por que ele passa diante do que percebe em Joanna vai além do seu controle levando-o a matá-la. O homem é uma

criatura passível de fortes paixões sobre as quais sua vontade racional não tem domínio. O incidente é visto como um símbolo da mulher branca inocente atacada e morta por um negro ameaçador. O fato é que Joe, mesmo tendo a pele branca, é negro apenas por causa do preconceito das pessoas em Jefferson.

Faulkner usa sabiamente o assassinato de Burden para revelar o caráter de Brown e também para mostrar a antipatia profundamente enraizada pelo negro na comunidade do Sul. Na verdade, o que ocorre também é que Joe perde seu amigo dileto ao tempo em que é traído. Neste sentido, ele se assemelha a Jesus Cristo. É uma figura trágica que além de perder seu amigo descobre que não pertence a nenhum mundo, que não tem identidade.

O problema, contudo, não era totalmente o social. Fora da sociedade ninguém é negro ou branco, no sentido colocado aqui. Se na terra vivesse apenas um homem não faria diferença para ele ser negro ou branco. Se Joe Christmas tivesse ido para uma ilha deserta e vivesse como um Robinson Crusoe, não teria tido problemas de raça. Trata-se, portanto, de um problema psicológico. Mas ele acha que é biológico.

No final do livro, há de se considerar o aspecto simbólico em que, como no começo, nos é mostrado o personagem Lena viajando. Isto não significa que ela é uma eterna peregrina, sem pouso. Faulkner a coloca como modelo de tranquilidade, de auto-confiança, plena de maturidade. Joe Christmas, no entanto, é um peregrino, sem objetivos, sem raízes, o símbolo do espírito sem descanso assemelhando-se a muitos indivíduos na sociedade moderna, em busca da auto-identidade. Mas de qualquer forma, observa-se a existência de um raio de esperança. O fato de que o homem se superará é o que se depreende no final, conforme o próprio autor acentuou no seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel de literatura.

É interessante citar que, pela importância do tema na época, Faulkner abordou a questão do preconceito racial em mais de um dos seus romances. Além dele, outros autores, como Ralph Ellison, escreveram trabalhos brilhantes com esta abordagem. *Em Invisible Man*, o tema é tratado com bastante profundidade, com o livro sendo considerado uma obra prima,

onde o autor apresenta um personagem, negro, inominado, empenhado na façanha perigosa de superar as atrocidades que permeiam os caminhos da comunidade negra americana. Aventura-se então pelos descaminhos traiçoeiros de um mundo infernalmente labiríntico em busca de alguém ou algo que possa reconhecer sua existência. O maior empenho do personagem de Ellison será o de obter reconhecimento, de alcançar visibilidade, como ocorre com Joe Christmas.

A INFLUÊNCIA DO SUL

Light in August aborda também a questão do regionalismo com ênfase às características do Sul, propriamente dito e os contrastes com a cidade grande. Isto fica evidente com as imagens criadas no capítulo inicial do romance, onde há referência à poeira e calor, ao ruído dos vagões e às cores. Aí encontram-se algumas das fontes misteriosas da força que nutre esse e os demais romances de Faulkner, sempre lidando com a terra e seu povo. Ele se mostra interessado no homem como indivíduo, coletivamente e no interrelacionamento dele com a terra.

Faulkner parece ter adquirido duas reputações divergentes. Para muitos críticos ele é eminentemente um romancista sulino, um homem enraizado, a voz de sua terra, sua sociedade, sua história; para outros, ele é um dos escritores modernos com grande alcance e capacidade assemelhada à de Joyce, Proust, ou Mann, de técnica sofisticada destilando a força de uma tradição internacional, um experimentalista, simbolista e testemunha do exílio moderno. As duas visões não são incompatíveis. A lenda do Sul não é meramente uma lenda local, mas uma constatação da realidade do mundo moderno, envolvido em grande confusão moral.

Os métodos e materiais utilizados por Faulkner são, deste modo, parte de uma barragem geral de habilidades literárias que vão além dos significados particulares sugeridos. Certamente para ele esses materiais tiveram uma vida contínua assumida além do domínio do construto ficcional. O que ele mostra existe em algum lugar entre um status, como reais

objetos de imitação, e outro como criações imaginativas. Não obstante, são parte de uma assumida história social do Sul, em parte fatural, em parte mítica, na qual uma variedade de humor literário pode ser projetada.

O que se observa é que o principal aspecto histórico está expresso na necessidade de Faulkner recriar seu mundo dentro da moldura de Yoknapawpha. Talvez não haja outro modo de o homem enfrentar o presente livremente sem sucumbir aos padrões do passado. Como alguns outros romances de Faulkner, em *Light in August* pode-se sentir o poder experimental do autor em sua força total. É um trabalho que envolve um sentido de história embora não seja um romance histórico. Ele alcança o passado no tempo, à medida que penetra, de modo amplo, nos problemas da sociedade moderna representada por Yoknapawpha. O enredo, bem como o palco dos acontecimentos são o Sul, mas Yoknapawpha é usada como uma metáfora do universo. Na verdade, são trabalhos que retratam um presente impregnado do passado. As histórias são uma espécie de ficção imaginativa miticamente tecida em torno de fatos. Em todos, é mostrada uma história da modernidade, um processo em que, simbolicamente a terra, como espírito, rende-se à terra como propriedade; os bosques sucumbem aos machados; os jardins às máquinas; os aristocratas aos aventureiros políticos; os homens empreendedores de sentimento e honra aos homens de sensibilidade mecânica e ambição material; o campo à cidade; o Sul ao Norte.

Há uma sequência de tempos significativos, instantes congelados quando a chance de inocência ou liberdade é oferecida, mas quando a decadência, e a corrupção ou extorsão ocorrem constantemente. O método de Faulkner para destruir o tempo é porque o tempo dá um falso sentido de ordem e significado as coisas.

CONCLUSÃO

Tratando dos temas como os que são abordados em *Light in August*, com realce para a questão da perda e busca de identidade e a questão da discriminação racial, ou de outra

sorte, Faulkner estava, na verdade, interessado nas dimensões criativa e distorcida do psico. Ele estava interessado não na sua desordem, mas na sua plenitude, sensibilidade e lirismo, suas estruturas e mitos. Só porque a percepção é criativa o tempo não precisa destruir; ela deve ser revivida e passada de um ser humano a outro. Assim, o passado é perpetuado e daí, renovável, onde a história tem na consciência uma oportunidade, tornando-se um mito freqüentemente repetido no qual uma segunda chance sempre é dada.

Embora as razões para a descrença tornem-se evidentes na sua obra, e em alguns de seus personagens que enfrentam extremos momentos de desilusão, como Joe Christmas, Faulkner não é um autor que prega o desespero ou um nostálgico. O passado, a velha ordem servem como guias remotos. E a própria história traz em si o potencial incessante de tornar o mito jubiloso. É isso que mantém a linguagem de Faulkner no mundo da linguagem do público, pois não traz uma mensagem de crise, mas sim de esperança.

Apesar dos clamores dos escritores que, através da ficção mostram a realidade da sociedade moderna, apesar de estarem apresentando os caminhos para corrigirem-se as injustiças e desigualdades sociais, é desapontadora a constatação de que os males vividos pela sociedade nos anos de 1920, 1930 e subseqüentes, são os mesmos vividos hoje, quase um século depois. Indivíduos semelhantes a Joe Christmas, Lena Grove, Joanna Burden, ou Hightower, ou ainda do personagem sem nome de Ralph Ellison, vivem uma batalha de busca de identidade e de auto-realização, tentando sair dos subterrâneos da existência e da invisibilidade causados pela indiferença, preconceito, ou opressão que, no século passado e ainda no presente, impregnam a nossa sociedade.

O que nos parece correto, contudo, é admitir que a vida em sociedade, nos moldes ideais, quer na cidade, quer no campo, não passa de utopia. As forças externas ao homem, boas ou más, devem ser significativas apenas em termos de busca de mais entendimento e sabedoria, uma sabedoria nova mais racional, mais conceitual.

THE INDIVIDUAL AND THE SEARCH FOR IDENTITY IN THE NOVEL LIGHT IN AUGUST BY WILLIAM FAULKNER

ABSTRACT — *In this work I will try to describe some aspects of the American literature in the nineteen twenties. It focuses on some themes related to the loss of and search for identity by the individual in the modern society. Emphasis is given to the issues of prejudice and social pressure, also discussed by the writers in that time, especially in the Faulkner's novel Light in August, where these problems are clearly put.*

KEY WORDS: *Individual. Identity. Prejudice.*

REFERÊNCIAS

ARNOLD, E. **The American Novel and the Nineteen Twenties**. London: Edward Arnold Publishers, 1971.

BRABURY, M.; TEMPERLEY, H. **Introdução aos Estudos Americanos**. Tradução de Elcio Cerqueira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

HIGH, P. B. **An Outline of American Literature**. New York: Longman Group UK Limited, 1993.

KAZIN, A. **Bright Book of Life**. New York: Dell Publishing Co. Inc, 1974.

KOSTELANETZ, R. **Viagem à Literatura Contemporânea**. Tradução de Jaime Bernardes et. Al. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

TANNER, T. **City of Words**. New York: Harper & Row Publishers, 1971.